



Boletim Informativo do Curso de Geografia da  
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC  
Ilhéus-BA - Ano VIII - Nº 15 - Nov/Dez - 2008

# INFORME GEOGRÁFICO

ISSN 1982-8030

**A Geografia  
Agrária em  
sala de aula**  
Página 3

## A atual crise financeira e a sucessão presidencial nos EUA: implicações mundiais

*Agenor Gasparetto\**

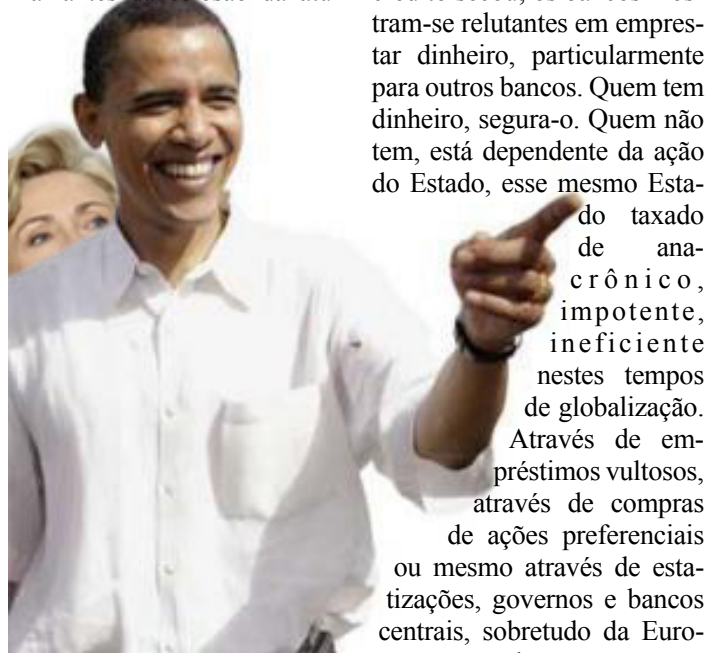
O capitalismo, ao contrário do que apregoa a teoria liberal, precisa mais do Estado do que seus teóricos mais ortodoxos gostariam de admitir. Isto resume exposição feita a alunos do curso de Geografia, esta manhã, na Universidade Estadual de Santa Cruz, em mesa-redonda sobre o capitalismo e seu momento atual, que segue reproduzida abaixo.

Crises são momentos privilegiados para analisar e compreender a natureza de um fenômeno, porque elas tornam mais nítidos os seus contornos, seus limites e as possibilidades, revelam mais a realidade na medida em que explicitam as contradições e fragilidades. No presente caso, parece relevante acompanhar com interesse especial dois assuntos correlacionados: esta crise e a sucessão nos EUA pelas implicações que acarretam no mundo.

A palavra que melhor resume a campanha de Barack Obama à presidência dos EUA, desde as primárias para a indicação de seu nome pelo partido Democrata, é MUDANÇA. Venceu, segundo maior parte dos analistas, os três debates com seu oponente McCain. No entanto, na condição de jovem e negro, somente a contagem dos votos lhe porá um ponto final de que será realmente o vitorioso. Até lá, o preconceito racial latente o perseguirá, como uma sombra, esperando um

deslize, para desestabilizá-lo, levando-o a perder a confiança ora conquistada. Sem dúvida, um candidato negro com reais chances de vitória nos EUA, portando a bandeira da mudança, parece uma impossibilidade real. No entanto, por ora, é real.

Comecei essa exposição fazendo referência à campanha presidencial norte-americana para marcar uma palavra: MUDANÇA. Ou seja, nos EUA, epicentro da atual crise financeira, havia um sentimento de que alguma coisa estava indo mal antes da eclosão da atu-



al crise, que começou com o estouro da bolha hipotecária, com o calote generalizado de hipotecas das casas compradas por pessoas de baixa renda, sem condições de assumir

compromissos financeiros de longo prazo. E essa crise fugiu de controle após o FED, Banco Central dos EUA, ter consentido com a falência do banco Lehman Brother, um banco presente nos cinco continentes, com mais de 25 mil funcionários, fundado ainda no Século XIX. Veja-se que a seguradora AIG, patrocinadora do poderoso clube de futebol Manchester United, e outras instituições financeiras foi salva com transfusões bilionárias.

Em todo o mundo, o crédito secou, os bancos mostram-se relutantes em emprestar dinheiro, particularmente para outros bancos. Quem tem dinheiro, segura-o. Quem não tem, está dependente da ação do Estado, esse mesmo Estado taxado de anacrônico, impotente, ineficiente nestes tempos de globalização. Através de empréstimos vultosos, através de compras de ações preferenciais ou mesmo através de estatizações, governos e bancos centrais, sobretudo da Europa, mas também no Japão e Coréia do Sul, estão tentando evitar a todo custo que bancos quebrem. Nunca houve tanta transfusão de recursos públicos para o mercado quanto agora. Para o economista, ga-

nhador do Prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz, “estamos fazendo uma transfusão de sangue pesada, mas sem estancar uma hemorragia interna” (Valor Eu & Destques, ano 9, nº 418, p. 32).

Hoje, entra em vigor na Alemanha um montante de 500 bilhões de euros aprovados na última sexta-feira pelos deputados, já não para salvar os bancos, para tentar preservar as empresas industriais. E isto consiste numa antecipação do governo alemão a que a crise de crédito, de liquidez e patrimonial, no caso da perda do valor das ações nas bolsas, atinja em cheio a economia real, com os efeitos perversos na demanda de mão-de-obra, na demanda de bens de consumo e na retração de investimentos produtivos, semeando de vez a desconfiança, comprometendo a dinâmica da economia. E esta é a fase mais dolorosa desta crise e onde o Brasil e outros países que não participaram da festança imobiliária e bancária, será atingido, com perdas de negócios, postos de trabalho, retração da atividade econômica e, seguramente, a quebra de empresas mais vulneráveis.

20.10.2008

Consulte a íntegra no endereço:  
<http://agenorgasparetto.zip.net>

\* Sociólogo (PUC-RS);  
Professor da UESC.



## Os Biocombustíveis e a crise dos alimentos

*Linsmara Nunes de Souza\**



Nos últimos dois anos um dos principais questionamentos em torno dos biocombustíveis diz respeito à crise dos alimentos. Muitos dos alimentos básicos como o trigo, o arroz, o milho e a soja tiveram um aumento bastante significativo principalmente nos últimos meses deste ano.

Vários argumentos surgiram sobre a dimensão da responsabilidade dos biocombustíveis em relação à crise. Alguns afirmam que os biocombustíveis é um dos fatores mais importante na alta do preço dos produtos alimentícios, outros dizem que o impacto de biocombustível na produção de grãos é baixo. Ainda há os que dizem não haver relação da produção de biocombustíveis e alta nos preços dos alimentos.

Mas seria mesmo o biocombustível o grande “vilão” dessa crise? Segundo alguns especialistas, muitos são os fatores responsável pela crise dos alimentos não podendo desta forma atribuí-la a um só fator, pois “os

biocombustíveis são apenas uma gota no oceano desse cenário de aumentos”, diz a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Suzana Kahn Ribeiro. Entre esses fatores podemos citar: o aumento populacional mundial e consequentemente aumenta a demanda de alimentos; a alta do petróleo, pois com o petróleo persistentemente acima de US\$ 100 o barril, os custos de energia se tornaram o principal fator por trás dos aumentos dos custos agrícolas e os insumos; especulação e condições climáticas desfavoráveis.

Diante dos fatores expostos não procede desta forma o argumento de que a crise de alimentos no mundo, ou em particular, no Brasil esteja relacionada principalmente com os programas de biocombustíveis voltadas para a produção do etanol e do biodiesel com a oferta dos alimentos.

*\* Estudante de Geografia (UESC), sob orientação da Profª Cristina Rangel.*

## EREGENE FEST!

O XXV EREGENE - Encontro Regional de Estudantes de Geografia do Nordeste não fugiu a tradição. “Geoturismo”, muita festa, pouco debate e a desorganização característica dos últimos anos. O evento contou com aproximadamente 1.800 inscritos, porém o auditório comportava cerca de 400 alunos, o que não foi um problema, pois sobraram lugares. O encontro foi prestigiado com a presença de personagens ilustres como a Profª Drª Alexandri-

na Luz Conceição que se mostrou preocupada com a falta de interesse dos estudantes em participar efetivamente dos debates.

Vale ressaltar, a brilhante atuação da comissão organizadora do EREGENE e da representante da delegação da UESC, Luciana Magalhães, em prestar todos os cuidados aos colegas. Esperamos que o XXVI encontro não seja motivado meramente pela paisagem, mas pelo amor e compromisso com a Ciência Geográfica.

Que venha o Piauí!

## GEO POESIA

### A TEORIA DA DERIVA CONTINENTAL EM POESIA

Alan Azevedo Pereira dos Santos\*

O NOSSO PLANETA DINÂMICO  
NÃO CANSA DE IMPRESSIONAR  
INTRIGA CIENTISTAS, VELHOS E CRIANÇAS  
E A TODOS QUE NELE HABITAR  
O MUITO QUE CONHECEMOS  
É POUCO PARA EXPLICAR.

DE UMA IDÉIA VISIONÁRIA  
SURTIU A SEGUINTE TEORIA  
DE QUE TODOS OS CONTINENTES  
JÁ FORAM UNIDOS UM DIA  
O QUE NO INÍCIO PARECEU LOUCURA  
MAIS TARDE SE CONFIRMARIA

AS EVIDÊNCIAS GEOLÓGICAS  
CONFIRMARAM A NOVA IDÉIA  
E O SUPERCONTINENTE  
FOI CHAMADO DE PANGÉIA  
DITO ISSO UMA VEZ  
NUNCA MAIS VOCÊ SE ENGANA  
A FRAGMENTAÇÃO DA PANGÉIA  
GEROU LAURÁSIA E GONDWANA

MAS ESTE É SOMENTE UM HISTÓRICO  
MUITO AINDA PRECISA SER DITO  
SOBRE AS PLACAS TECTÔNICAS  
SEUS LIMITES DIVERGENTES, CONVERGENTES E CONSERVATIVOS  
E TODOS OS SEUS EFEITOS  
COMO TERREMOTOS E VULCANISMOS

HOJE CERCA DE UMA DÚZIA DE PLACAS  
MOVEM-SE CONTINUAMENTE  
ONDE ESSAS PLACAS COLIDEM  
CHAMAMOS DE LIMITES CONVERGENTES  
ONDE AFASTAM-SE UMA DA OUTRA  
CHAMAMOS DE LIMITES DIVERGENTES  
AINDA HÁ OUTRO LIMITE  
QUE É PRECISO FALAR  
CHAMADO LIMITE CONSERVATIVO  
MAS ESSE É FÁCIL LEMBRAR  
LEMBRE-SE DA FALHA DE SANTO ANDRÉ  
QUE É O MELHOR EXEMPLO A DAR

O QUE VOCÊS LERAM  
É A CHAVE PARA A COMPREENSÃO  
DA HISTÓRIA GEOLÓGICA DA TERRA  
E TODA A SUA EVOLUÇÃO  
E POR ISSO JAMAIS ESQUEÇAM  
O FUTURO, O FUTURO AINDA ESTÁ EM CONSTRUÇÃO

\*Estudante de Geografia (UESC)

Boletim Informativo do Curso de Geografia – UESC  
INFORME GEOGRÁFICO - ISSN 1982-8039  
Ilhéus. Ano VIII, nº 15 – Nov/Dez 2008

Blog: <http://informegeografico.blogspot.com> - E-mail: [informegeografico@gmail.com](mailto:informegeografico@gmail.com)

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16. CEP: 45.662-000 - Ilhéus - Bahia - Brasil

#### Comissão Editorial:

Alan Azevedo Pereira dos Santos ([alansantos\\_18@hotmail.com](mailto:alansantos_18@hotmail.com))

Evilânia Bento da Cunha ([evilaniageo@yahoo.com.br](mailto:evilaniageo@yahoo.com.br))

Greiziene Araújo Queiroz ([greiziene@hotmail.com](mailto:greiziene@hotmail.com))

Jorman dos Santos ([jorman@bol.com.br](mailto:jorman@bol.com.br))

Liliane Matos Góes ([goes.liliane@yahoo.com.br](mailto:goes.liliane@yahoo.com.br))

Saulo Rondinelli Xavier da Silva ([geoilheus@hotmail.com](mailto:geoilheus@hotmail.com))

#### Colaboradores:

Ingrid Emmanuele Vieira Santos ([lelinha28@hotmail.com](mailto:lelinha28@hotmail.com))

Reinaldo Martins Lemos ([reilemos@bol.com.br](mailto:reilemos@bol.com.br))

#### Projeto Gráfico / Diagramação:

Marcos Maurício ([www.marcosmauricio.blogspot.com](http://www.marcosmauricio.blogspot.com))

#### Impressão:

Gráfica da UESC  
Os artigos/textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do BIG.

Consulte as normas de submissão em nosso Blog.

# Meio-técnico-científico-informacional e a mobilidade do trabalho na região cacaujeira

Observando de perto a realidade econômica da região cacaujeira nota-se na atualidade uma diversificação do trabalho, com o desenvolvimento do comércio e da indústria devido aos investimentos públicos na industrialização do estado da Bahia. Como exemplo pode-se citar a instalação nas últimas décadas dos pólos têxteis, calçadista, de informática e indústrias de alimentos na região; tudo isso com o objetivo de diversificar a economia regional para que ela pudesse ter fôlego frente aos graves problemas pela qual vinha passando, decorrente da crise na monocultura cacaujeira.

Mesmo no período de afirmação dessa região, ou de formação, é possível concluir que ela sempre teve uma vocação de conexão com o restante do Brasil, se não com o mundo, e isso só é possível com o incremento da técnica, da ciência, da informação, enfim elementos que estão presentes de diversas formas nessa região, seja pelo órgão de pesquisa criado exclusivamente para atender a demanda da agricultura regional, a CEPLAC, sejam pelas instalações de infra-estrutura rodoviárias e portuárias, mecanismos essenciais que fez com que a região mantivesse

## Desde o período de afirmação regional pode-se observar a conectividade espacial, o incremento da ciência, da técnica...

relações com outros espaços.

Porém, observa-se nos últimos decênios uma crise vertiginosa na região em decorrência da vassoura de bruxa, praga esta que deteriorou os cacauais levando quase que a falência a economia regional. Em decorrência da crise, já citada, a região é dotada de reordenamento espacial, pautada na ampliação do comércio, da indústria, o que leva a uma mudança nos padrões de comportamento da mão de obra, dessa vez subsidiada na instalação de centros de estudo técnicos e superiores, e isso só é possível frente à demanda por mão-de-obra especializada que viesse suprir a carência do mercado. São essas ações que fazem ampliar o arcabouço técnico, científico e informacional, deixando cicatrizes espaciais perceptíveis aos olhos daqueles que tem o olhar apurado. É possível notar, por exemplo, o capital fluante na região, aquele que circula e é comandado por centros empresariais que se localiza a centenas de qui-

lômetros da região, tornando o espaço mero coadjuvante do fenômeno capitalista a qual estar inserida a região.

A abordagem sobre esse tema, discorrido aqui, cometeria um grande equívoco se não relatássemos os acontecimentos com os trabalhadores locais em decorrência da crise da lavoura cacaujeira. E quais são esses acontecimentos? Nos últimos anos observa-se o inchaço populacional em algumas cidades da região nunca visto antes, exemplo Porto Seguro, Eunápolis, etc. Outras perderam bastante população, como é o caso de Camacan, Uruçuca e São José da Vitória, todo esse cenário por causa da crise na economia regional. Cidade como Itabuna, onde 97% da população é urbana teve sua estrutura urbana "toda" influenciada em decorrência dos acontecimentos supracitados; e qual a influência desses fenômenos na mão-de-obra regional? Acredito que todas possíveis. Primeiro os trabalhadores saindo do campo não teriam capacitação frente aos ser-

*Uziel Oliveira Menezes\**

viços, mesmo que poucos, ofertados por essas cidades; segundo a própria infraestrutura das cidades não estava preparada para tais situações: inchaço populacional, aumento da demanda na área de saúde, educação entre outros serviços que essas cidades teriam que ofertar. Como consequência observa-se o aumento da marginalização, da favelização, fenômenos comuns em cidades que não estão preparadas para receber essas transformações tão ríspidas.

Assim, o que se tem em termos de políticas públicas devem sim continuar, e o enfoque da economia regional deve acompanhar o mesmo ritmo, desta forma diversificando a economia regional, em vez de se apoiar em sistema tão frágil que é a monocultura. Os investimentos na qualificação profissional devem ter o mesmo enfoque, para que assim estes trabalhadores que outrora perdera seus postos de trabalho possam reconquistar seu espaço no mercado de trabalho, alcançando desta forma uma melhor qualidade de vida. É o que se espera.

*\* Estudante de Geografia (UESC)*

# A Geografia Agrária em sala de aula

O livro didático continua a ser o grande suporte para as aulas de muitos professores. É através das Unidades didáticas destes livros que grande parte dos professores busca a definição dos conteúdos a serem ensinados/aprendidos, os recursos didáticos como gráficos, tabelas, mapas, paisagens e as sugestões de atividades a serem trabalhadas com os alunos. No que se refere ao conteúdo específico de Geografia Agrária, no livro didático, esta costuma apresentar-se em um capítulo, onde são abordados: o uso da terra no meio rural brasileiro, modernização do campo e o uso da terra, grande agricultura comercial, trabalhadores temporários no campo, pequena agricultura comercial e de subsistência, o trabalho familiar, a pecuária, extrativismo vegetal, a concentração de terras e os conflitos no campo, a origem dos latifúndios, política de reforma agrária, os conflitos no campo. Apresenta provocações para debates como porque ocorrem os conflitos no campo. Gráficos e mapas mostram a população urbana e rural, textos complementares dando continuidade a temática central, além de conter vocabulário de alguns termos técnicos.

Percebe-se que os livros didáticos têm possibilitado um horizonte de temas que poderão ser abordados dentro e fora da sala de aula e apresentam uma aná-

## Percebe-se que os livros têm possibilitado um horizonte de temas que poderão ser abordados dentro e fora da sala de aula.

lise que nos permite dizer estar dentro da Geografia Crítica, ou seja, não apenas mostra dados quantitativos, mas os analisam. Neste contexto é levado em consideração as diferentes escalas de análise: global, regional e local.

Os professores da rede pública e privada têm levado em consideração o conhecimento prévio dos alunos, pois têm utilizado na prática de sala de aula exemplos da escala local para facilitar a aprendizagem do aluno, questionando sobre a origem dos alunos e de seus pais (urbano/rural), o que produziam, como produziam, para quem vendiam, a dependência dos financiamentos bancários, os fatores que levaram com que eles se mudassem do campo para a cidade, o movimento social pela reforma agrária na região, os conflitos pela terra... Possibilitando assim, uma melhor compreensão do conteúdo.

Os conteúdos da Geografia Agrária são abordados de forma contextualizada, pois os assuntos são analisados através da relação do espaço e tempo dos eventos ocorridos e faz-se uma comparação com a atualidade.

Além disso, são utilizadas imagens, gráficos, tabelas, filmes, mapas,

com objetivo de melhorar a análise, dinamização e exploração dos assuntos que abordam a questão Agrária.

Mas o professor não deve usar unicamente o livro didático como referência para o ensino, assim, segue algumas sugestões de trabalho. Primeira sugestão: aula de campo. A aula seria ministrada pelo o professor de Geografia em uma fazenda da região, com o objetivo levar os alunos perceber na prática a questão do uso da terra, plantação, colheita, que tipo de material esta sendo plantado, em que época do ano, relações de trabalho, ritmo de trabalho. Segunda sugestão: um projeto com o objetivo de desenvolver na escola um espaço para plantação de hortaliças, podendo até no futuro ser utilizado para a merenda dos alunos. Neste caso a horta poderia estar presente na escola da zona urbana e rural, basta apenas que a escola disponha de espaço físico e neste caso os alunos poderiam aprender a plantar, verificar o crescimento das plantas em decorrência do tipo de solo, variações do índice pluviométrico, ventos. Além de levá-los ao aprendizado sobre a determinação dos preços dos alimentos, forma de colheita, armazenamento, transporte, venda, consumo.

*Ariana Carvalho\**

Outra sugestão seria o uso da criatividade dos alunos juntamente com a dos professores no desenvolvimento de exposição de Agrária com poesia onde os alunos produziram textos, peças de teatro, desenhos relacionados à ciência Agrária.

Em relação aos profissionais que atuam na área de Geografia Agrária, alguns não são licenciados em Geografia, o que dificulta um pouco o resultado da aprendizagem dos alunos, pelo fato do professor não estar qualificado.

Sendo assim, apesar de algumas dificuldades ocorridas, podemos perceber que há possibilidades de trabalhar Geografia Agrária de diversos modos visando sempre a melhor compreensão do conteúdo pelo aluno. Existem diversas formas de se ensinar/aprender sobre Geografia Agrária no ensino fundamental e médio, mas é preciso compromisso dos professores com a aprendizagem dos alunos, vontade de ensinar e prazer em descobrir que ele e os alunos aprenderam. Sem isto, qualquer material didático, por melhor que seja, será insuficiente e não levará ao aprendizado.

*\* Estudante de Geografia (UESC), sob orientação da Prof<sup>a</sup> Cristina Rangel.*



## ENTREVISTA Professor Marcello Martinelli

O IX ENCONTRO DE GEOGRAFIA DA UESC foi realizado no final de setembro e teve como tema: "Conquistas e Desafios no Espaço Urbano e Agrário do Brasil", uma realização Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais e do Colegiado de Geografia, que contou com o apoio dos alunos. O evento pretendeu discutir as contribuições da Geografia para a formação, prática docente e profissionalização dos alunos do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz e de outras instituições, frente ao avanço tecnológico, a intensa urbanização das cidades, os problemas ambientais e educacionais, bem como suas consequências para a sociedade. O evento contou com a participação dos Professores Janio Laurentino de Jesus Santos (UESB), Janio Roque Barros de Castro (UNEB/Campus V), Alexandrina Luz Conceição (UFS), Suzane Tosta Souza (UESB), José Jackson Amâncio Alves (UEPB/GERN) e Douglas Santos (PUC/SP).

Nessa oportunidade o BIG entrevistou o Professor Marcello Martinelli (USP), convidado para participar do evento proferindo a palestra intitulada "Atlas Geográficos para Escolares: a sociedade compo com a natureza.



estudantes e professores. Foram colocações muito consistentes que vão servir para a vida acadêmica de vocês. É importante que vocês guardem muito bem este momento. Outro ponto respeitável que eu gostei foi com relação à participação dos estudantes, o interesse deles em organizar o evento. Digo isso porque às vezes lá em São Paulo eu vejo como se houvesse certo desinteresse, principalmente nesses encontros em que os convites são feitos por alunos, e que na maioria das vezes o centro acadêmico é quem paga a viagem desses especialistas. Eu faço muita questão de vir, eu admiro muito, pois o merecimento é muito grande. Então procuro fazer o melhor para poder estar sempre correspondendo às expectativas. Vocês estão de parabéns.

### Trajectoria na formação profissional

**MARTINELLI:** Desde menino estive em íntimo contato com as atividades da oficina de marcenaria do meu pai. Isto me permitiu vivenciar a orientação da construção de móveis, através de desenhos esquemáticos. Em 1957 prestei vestibular para o Curso de Pintura da Escola de Belas Artes de São Paulo, hoje, Faculdade de Belas Artes de São Paulo, instituição de ensino superior.

Com este preparo inicial tive a oportunidade de ser convidado pelo Professor Libault e Boichichio a fazer parte do quadro técnico que estava executando o projeto ATLAS DO ESTADO DE SÃO PAULO junto ao Instituto de Geografia da USP, criado em 1964. Em 1967, ingressei no Curso de Geografia, período noturno, da FFLCH - USP, obtendo o grau de Bacharel e Licenciado em Geografia, em 1971.

Neste mesmo ano inscrevi-me na Faculdade a fim de cumprir uma nova etapa de minha vida, a Pós-Graduação (mestrado) na área de Geografia Humana. Em 1975 obtive o título de Mestre.

Em 1984 cheguei ao título de Doutor em Ciências Humanas pela apresentação, em defesa pública, da tese: "COMUNICAÇÃO CARTOGRÁFICA E OS ATLAS DE PLANEJAMENTO". Na metade de agosto de 1985 apresentei ao DG o projeto para o curso de Pós-Graduação que iria oferecer no primeiro semestre de 1986, para sua aprovação e credenciamento.

A experiência vivida com o curso oferecido à pós-graduação levou-me a buscar uma complementação no exterior. Sentia a necessidade de oferecer aos meus alunos um conteúdo programático mais crítico, completo e bem elaborado, de alto nível, fundamentado numa postura metodológica consistente e adequado ao encaminhamento das representações gráficas para a geografia na atualidade. Fiz um Pós-doutorado em Paris, com o Professor Serge Bonin, discípulo de Jacques Bertin.

Segui para Itália para elaborar uma pesquisa com cartografia ambiental e a partir de agosto de 1987 dediquei-me à orientação de pós-graduandos, em nível de mestrado e posteriormente em doutorado. Voltei à França em janeiro de 1990 para realizar um segundo Pós-doutorado, que foi complementado na Itália.

Chegou, enfim, a vez de minha Livre-docência. Como tese eu defendi o tema "As representações gráficas da geografia: os mapas temáticos". O desafio que me coloquei com este trabalho foi o de percorrer o caminho da afirmação da cartografia temática desejosa de construir mapas para a Geografia.

### Avaliação do evento

**MARTINELLI:** Eu gostei muito do evento por duas razões principais: a primeira foi com respeito à alta qualidade dos trabalhos apresentados por profissionais de

elevada categoria, à escolha das temáticas, que se mostrou muito bem feita, e em segundo foi em relação ao nível das discussões que ocorreram junto ao plenário. Elas foram muito bem colocadas, acrescentando muito para

o acadêmico é quem paga a viagem desses especialistas. Eu faço muita questão de vir, eu admiro muito, pois o merecimento é muito grande. Então procuro fazer o melhor para poder estar sempre correspondendo às expectativas. Vocês estão de parabéns.

## GEO CAÇA-PALAVRAS

S	P	S	D	M	S	I	O	U	T	C	L	Y	K	T
I	A	K	Y	V	C	T	W	R	T	F	P	H	N	K
W	O	P	Y	R	E	N	D	I	M	E	N	T	O	T
T	E	Q	B	W	S	L	F	R	R	W	F	U	B	Y
A	H	I	P	S	O	M	E	T	R	I	A	C	I	Y
B	U	B	G	G	K	I	N	J	V	V	E	H	A	L
U	O	X	H	S	O	Y	U	V	L	F	Q	N	Q	T
L	I	K	R	A	M	A	T	A	P	I	A	X	D	A
E	U	Y	J	S	R	I	H	K	H	X	X	D	V	Y
I	A	S	S	C	Q	F	K	P	E	X	T	W	R	W
R	M	X	P	H	B	S	K	V	Q	Y	C	K	C	A
O	J	T	P	T	O	J	S	S	G	K	X	J	I	H
L	J	H	R	P	P	C	J	M	W	S	L	E	B	W
J	R	L	S	K	R	J	E	M	T	D	H	K	I	I
A	M	N	C	H	A	P	A	D	A	I	W	S	N	N

- Relevo de superfície horizontal situado em altitudes relativamente elevadas, constituído por rochas sedimentares.
- Medição de alturas e de altitudes.
- Relevo plano ou ondulado, elaborado em diferentes tipos de rochas, constituindo superfície intermediária ou degrau entre áreas de relevos mais elevados e áreas topograficamente mais baixas.
- Relevo de topografia plana, elaborado em rochas sedimentares, de altitude relativamente baixa, geralmente limitado por escarpas.
- Valor total do rendimento mensal do trabalho e do rendimento proveniente de outras fontes, como aposentadoria, pensão, aluguel, pensão alimentícia, mesada, renda mínima, bolsa-escola, seguro-desemprego e abono de permanência em serviço.